

FUNAI	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	0 6020
Data	13/02/196 Pg 8
Class.	111.1.1.1.1

Xavantes invadem Funai e mantêm Santilli como refém

Presidente da entidade é humilhado na frente de servidores

José Paulo Tupynambá

• BRASÍLIA. Um grupo de 20 índios xavantes seqüestrou ontem por uma hora o presidente da Funai, Márcio Santilli, e o humilhou na frente de funcionários. Os índios invadiram o gabinete de Santilli e o levaram para a garagem do prédio da Funai, juntamente com o diretor de Assistência, Ariosvaldo José dos Santos, e o chefe de gabinete, José Pozzebom. Truculentos, tratando seus reféns com safanões, os xavantes — armados de bordunas, arcos e flechas — se queixaram com Santilli do não repasse de verbas pela entidade. Depois de muita conversa, o presidente da fundação conseguiu demover os índios da idéia de mantê-lo preso na garagem.

— Só este ano já foram três situações com reféns, com os Tembés, em Belém, os Oriris na Bahia, e, agora, os reféns em Redenção, no Pará — disse Santilli, acrescentando que o incidente fora “um ato político ao modo dos índios para criar pressão”.

Mesmo após libertar os reféns, o cacique Celestino, da reserva de Parabubu, invadiu o gabinete e, de borduna na mão, começou a gritar e a empurrar Santilli. Ele mostrava uma cicatriz na barriga, resultante de uma intervenção cirúrgica que deveria ter sido paga

pela Funai. Santilli ouviu impassível e convenceu o índio a sair, dizendo que tem uma reunião marcada com eles para hoje. Os índios disseram que 30 caciques xavantes devem comparecer à audiência. À tarde, os caciques pediram a saída de Santilli ao chefe de gabinete do Ministério da Justiça, José Gregori.

Os xavantes reclamaram principalmente da falta de assistência médica e educacional. Santilli descartou qualquer reação ao decreto 1.775, que instituiu o contraditório na demarcação de reservas, ou seja, o direito de proprietários que tiveram terras desapropriadas contestarem a demarcação.

A situação dos xavantes não é a pior entre os índios. Em Redenção, os caiapós já acumularam uma dívida de R\$ 1,6 milhão, com 130 credores diferentes. Semana passada, um táxi aéreo recusou-se a transportar um doente caiapó por causa da dívida acumulada com a Funai, que paga esse tipo de despesa. O índio morreu e, domingo, os integrantes da aldeia seqüestraram o administrador regional da Funai João Mello, dois agentes do órgão e um delegado da PF, que continuam em seu poder. Em Goiânia, uma empresa que vendera barcos para os índios tomou as embarcações por

falta de pagamento.

Fazendo jus à fama de “patinho feio” do Ministério da Justiça, a penúria da Funai fica patente no Orçamento da União. Para este ano, somando recursos de investimento com os de custeio e demarcações, o bolo da Funai — que administra 74,7 milhões de hectares de reservas demarcadas, ou 11,3% do território nacional — chega a R\$ 155 milhões, pouco mais que 10% do orçamento do Ministério da Justiça.

Para tentar mudar a imagem da entidade, o presidente da Funai implantou duas medidas polêmicas: determinou que os próprios índios escolhessem os chefes de postos e estabeleceu critérios de distribuição de recursos a partir de projetos de investimentos feitos pelas aldeias. Os índios resistem à nova forma de repasse e querem o dinheiro sem antes apresentarem os projetos.

Santilli também tenta aprovar um concurso para a contratação de 580 servidores. E quer ainda instituir uma gratificação para os servidores que trabalham nos postos avançados. Um funcionário que trabalha no posto em Atalaia do Norte (AM), no Alto Solimões, por exemplo, leva 31 dias de barco para chegar ao seu local de trabalho e não ganha nada a mais por isso. ■



Sérgio Marques

O CACIQUE CELESTINO empurra e xinga o presidente da Funai e cobra verbas para o seu tratamento de saúde